



## **“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”**

**Eixo temático:** Movimentos Sociais e Serviço Social  
**Sub-eixo:** Estado, políticas sociais e movimentos sociais

### **O SER SOCIAL E A IDEOLOGIA: FUNDAMENTOS DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE**

MARIA ISABEL GONÇALVES BEZERRA <sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo analisa algumas das categorias do ser social objetivando relacionar brevemente este ser social com as categorias “ideologia” e “consciência de classe”. Através da revisão bibliográfica em Lukács “Para uma ontologia do ser social II” (2013), bem como em outros autores, é possível compreender ontologicamente o homem ser que responde. A hipótese está na ideologia enquanto momento ideal pelo qual o ser social constrói sua resposta às situações concretas. Os estudos indicam o fundamento ontológico-prático da ideologia situado na sociedade estranhada do capital, orientando a consciência de classe como conteúdo espiritual da atuação dos homens nos conflitos de classe.

**Palavras-chave:** Ser social, ideologia, estranhamento, consciência de classe.

**ABSTRACT:** The article analyzes some of the categories of the social being, aiming to briefly relate this social being with the categories “ideology” and “class consciousness”. Through the bibliographic review in Lukács “Towards an ontology of the social being II” (2013), as well as in other authors, it is possible to understand ontologically the human being who responds. The hypothesis is in ideology as the ideal moment through which the social being builds its response to concrete situations. The studies indicate the ontological-practical foundation of the ideology situated in the estranged society of capital, guiding class consciousness as the spiritual content of men's actions in class conflicts.

**Keywords:** Social being, ideology, estrangement, class consciousness.

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal De Juiz De Fora

## 1. INTRODUÇÃO

A ideologia possuiu e ainda possui diferentes significados nas áreas do conhecimento e também do senso comum. Diversos termos podem compor as variadas formas de compreensão e aplicabilidade dessa palavra tão presente e importante se se pretende analisar a situação de classes de uma sociedade determinada, como é o caso do Brasil. Desde ideologia como “conjunto de ideias” numa perspectiva que se pretende neutra; até ideologia com sentido de demonização do outro, como é no termo “ideologia de gênero”, o fato é que o vocábulo está no cotidiano e nos últimos anos tem sido cada vez mais abordado como ferramenta política na luta de classes, através da construção de um “inimigo” a ser combatido, seja a ideologia “de gênero” ou a ideologia “comunista”.

Em matéria de conhecimento, ideologia foi e é compreendida de maneira equivocada ou parcial em seu sentido real pelos diversos campos teóricos. Vaisman (2010) faz um importante resgate da história do termo para traçar seus pilares no entendimento lukactiano, e explica que “a preocupação com a ideologia surge no momento em que a constituição do método das ciências da natureza pressupõe necessariamente uma investigação sistemática dos fatores que conduzem ao erro, ou seja, dos fatores de caráter ideológico” (pg. 41). Em outros termos, desde antes do surgimento do termo ideologia em si, seus pressupostos foram relacionados ao campo do conhecimento, enquanto elementos que levam ao erro ou seja, numa face negativa. Os filósofos que se dedicaram em estabelecer o “conhecimento verdadeiro” estiveram dedicados em afastar do exame cognitivo os constituintes do pensamento que não estivessem devidamente apurados e que pudessem incitar ao erro o domínio da natureza ou o ordenamento social.

Mostra-se então que a questão da ideologia esteve desde a gênese relacionada à gnosiologia, o que Vaisman (2010) combate demonstrando que a ideologia precisa ser tratada em termos ontológicos caso queira-se compreender efetivamente sua dimensão no real, em especial na sociabilidade capitalista. Partindo desse pressuposto e através de metodologia de análise bibliográfica, o artigo objetiva dentro de suas limitações trazer brevemente algumas das principais categorias relacionadas ao estudo do ser social na obra “Para uma ontologia do ser social II” de Lukács (2013), e também em artigos de outros autores, no sentido de delinear um esboço da relação entre este ser social, ideologia e

consciência de classe.

No intuito de traçar um caminho ao que aqui se pretende, o texto irá, num primeiro momento, realizar reflexões acerca da ontologia em Lukács; em seguida traz-se apontamentos de algumas das principais categorias importantes para o entendimento do ser social e da ideologia; em um terceiro momento falamos sobre a ideologia como resposta do ser social no desenvolvimento de suas capacidades objetivas e subjetivas, como conteúdo subjetivo de resolução dos conflitos sociais. Em razão dos limites deste trabalho, não conseguiremos debater acerca da categoria consciência de classe, pretendemos apenas iniciar as reflexões acerca de seus fundamentos na estrutura de complexos do ser social, base que entendemos necessária à construção desta categoria na perspectiva ontológica. A partir desses estudos, fica posto que a ideologia está relacionada à necessidade de resolução de problemas concretos, no sentido de orientar o ser social nas respostas práticas às questões genéricas e individuais dos homens em sociedade; entende-se que o fundamento para a compreensão da ideologia está em seu caráter ontológico-prático, enquanto momento ideal das respostas que o ser social dá às questões concretas, construindo a objetividade social e também sua subjetividade. Situando sempre o ser social na história e nas relações sociais, os conflitos de classe surgem ao passo das complexificações das sociedades humanas, e ação dos homens e dos grupos nessa luta se dá mediante sua consciência de classe, que reside e é formada a partir de sua subjetividade, sua personalidade social.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

A ontologia se refere à uma ciência ou ramo da ciência antiga, sintetizada na máxima do “ser ou não ser” e tratada na filosofia de maneira transcendental e idealista, refletindo sobre o ser para além do mundo visível, em sua suposta essência invisível. Lukács, filósofo húngaro cuja teoria tem grande relevância no campo do marxismo, é quem inspira e dá notoriedade a questão de como pensar a ontologia de maneira materialista, como a matéria pode engendrar o espírito do homem. Em sua obra “Para uma ontologia do ser social – Parte II”, na qual Lukács realiza por meio de intensa abstração, o método marxiano de ir ao complexo do ser do ser homem, aos seus fundamentos histórico-

genéricos, e retornar ou avançar rumo ao complexo do ser social compreendido em sua totalidade real. Para o autor tudo está posto na forma do ser como complexo categorial e não enquanto categoria isolada. A ontologia se propõe à análise de cada complexo e de sua articulação com os outros complexos presentes na constituição do ser social, demarcando as complexificações e desenvolvimentos que este ser realiza nos diversos campos de sua prática social (LUKÁCS, 2013).

Não se pode definir ou entender o ser social em suas características isoladas (racionalidade ou linguagem, por exemplo), pois qualquer estágio do ser tem caráter de complexo, inclusive o trabalho. A ontologia diz respeito ao ser social, entendendo que o mesmo tem uma gênese, inserindo a história na ontologia. Este ser social é histórico, existe em complexos categoriais (esferas da prática social), desenvolve-se tecnicamente e também amplia sua consciência. Assim, as propriedades do espírito humano, tão buscadas, analisadas e explicadas pela filosofia, pela moral ou pela religião, não estão dadas desde sempre, sua origem não reside no transcendente ou numa essência facultada pelo invisível, surgem na trajetória humana do ser social.

Essa gênese pode ser localizada no trabalho por que em todo momento na história existe trabalho (relação homem-natureza). O trabalho constitui o complexo fundante, originário do ser social, mas não é por isso presente em todos os outros, nem tudo é trabalho. O complexo categorial do trabalho tem sua categoria central no pôr teleológico, e aqui existe como modelo para as outras formas do ser social. Toda e qualquer atividade humana é por teleológico, mas nem toda atividade humana é trabalho, a centralidade então não está no trabalho em si e sim no pôr teleológico. Assim como o trabalho, também existem outros complexos categoriais, e é preciso cautela na utilização dele enquanto modelo de análise de outros complexos, para que não se incorra na simples importação para outros complexos de categorias e relações categoriais pertencentes ao complexo do trabalho. Novamente é importante destacar que o que é presente em qualquer atividade humana é o pôr teleológico e não o trabalho, é o pôr teleológico que caracteriza o salto ontológico do homem enquanto ser social.

O salto ontológico do ser social se relaciona à gradação dos seres: os seres inorgânicos estão restritos à natureza; nos seres orgânicos surgem elementos de nutrição e sexualidade que se relacionam à categoria “reprodução”, que aparece aqui como diferença específica que estabelece a separação entre a vida e a inorganicidade dos seres. O salto ontológico deste ser orgânico se dá a partir do pôr teleológico que desenvolve novas

categorias como a teleologia, a linguagem, o pensamento conceitual, o espelhamento, a alternativa, entre outras. Este novo ser, social, então opera refuncionalização das categorias nos seres inorgânico e orgânico, desenvolve novos campos de sua prática social e afasta-se da base natural. É este elemento ontológico que o diferencia e o distingue dos demais seres, portanto o termo social caracterizando este ser propriamente humano.

Veremos adiante algumas das principais chaves categoriais necessárias para a construção teórica da ideologia em Lukács.

Lukács aponta a **teleologia** como categoria específica da atividade humana. Ele parte da passagem na qual Marx distingue a melhor abelha do pior arquiteto através da teleologia, a ideação da atividade de interação do homem com a natureza. Essa ideação é peculiaridade do ser social, só o ser humano pode, através do pôr (no sentido verbal mesmo) teleológico ou seja, do fazer, da prática teleológica, afastar-se das barreiras naturais.

Dois termos são importantes aqui. A causalidade, que diz respeito à disposição dos fatores e nexos entre os elementos em sua forma natural, e a casualidade, que refere-se à possibilidade de, conhecendo os elementos naturais, dispor deles em maneiras diferentes a fim de transformar a natureza visando determinado fim. O pôr teleológico no trabalho (interação homem-natureza) consiste em gerar no pensamento humano a prévia ideação de uma ação com uma **finalidade**, de acordo sua necessidade, visando transformar a realidade material criando algo novo e se afastando da limitação dos seres da natureza. Possui um duplo caráter: conhece o que é dado e cria novas possibilidades pra além do ser em si das coisas naturais. Um exemplo disso é que no ser-em-si da pedra não há nenhuma intenção de ser faca, o que ocorre é a ação do telos, do pôr teleológico que a modifica e transforma com uma nova finalidade, só possível na ideação humana e suscitada a partir das necessidades humanas. O papel do homem na causalidade natural é criar algo novo a partir de elementos que já existem, mas que não poderia por si mesmos resultar neste algo, é efetivar a potencialidade do trabalho utilizando-se de suas capacidades teleológicas.

O **pôr teleológico** não se restringe à atividade do trabalho, porém tem nessa atividade sua gênese, que demarca o salto ontológico do ser social na gradação dos seres. A partir e no trabalho, com sua prática na história, no tempo e no espaço, a experimentação faz desenvolver no homem a razão, suas capacidades subjetivas; no domínio da natureza ele realiza também o controle e submissão de sua vontade à atividade necessária. Este

indivíduo ser social é, portanto, a síntese de suas capacidades materiais, objetivas, e também seu conteúdo e capacidades espirituais, subjetivas, de sua psicologia, concebida e aprimorada na relação com o mundo, com a natureza e com os outros indivíduos.

Lukács realiza um marco no entendimento filosófico acerca da ontologia, demonstrando que o homem tem o seu diferencial em relação os outros seres não numa essência transcendental ou herança divina mas sim na sua base material, no desenvolvimento do trabalho a partir do pôr teleológico, do aprimoramento de suas capacidades objetivas e subjetivas, na razão enquanto arcabouço gerado de sua experimentação. Ou seja, a ontologia humana está no ser social que realiza sua autoconstrução na relação entre a objetividade dada na natureza e sua subjetividade. Tem-se então a possibilidade de pensar e entender uma ontologia materialista, de base material e objetiva no próprio homem e sua ação no mundo.

É importante destacar que conceber teleologicamente – e portanto ontologicamente a natureza e a história implica não somente no caráter de finalidade do pôr teleológico, mas principalmente no fato de que o desenvolvimento histórico possui um autor consciente, seu sentido e movimentos estão fundados na ação do homem enquanto ser social que modifica a natureza, a si mesmo e suas relações. Tal entendimento é necessário quando se pensa o pôr teleológico em outras esferas da vida humana para além do trabalho, como a arte e a religião e nos fins deste artigo, na ideologia. Só considerar que tudo tem um fim sem pressupor o processo teleológico a partir de seu autor consciente deriva de um “irresistível finalismo” que é próprio da necessidade humana elementar de atribuir sentido à existência, sem reconhecer a si mesmo como potencia fundadora e modificadora das coisas. Sem pretensões de aprofundar aqui a questão, a ontologia religiosa é um espaço no qual essa ausência de autorreconhecimento do homem significa estranhamento de si e de sua potência genérica (enquanto espécie, coletiva, de todos os homens), seu avanço ao longo da história.

Avançando, na relação causalidade e casualidade, na qual a ação do pôr teleológico é efetivada, tem-se dois atos constitutivos heterogêneos, que fazem parte do complexo do trabalho. O espelhamento correto dos nexos causais e o pôr em movimento desses nexos ou seja, o pensamento e o que está disposto no meio objetivo. Dessa relação, o **espelhamento** é o momento ideal e também a relação deste ideal com o mundo material, é a forma como o ser reflete na sua subjetividade a objetividade posta. O espelhamento (as formas ideais) tem papel fundamental no trabalho, a partir de suas relações com a

materialidade.

Porém, o conteúdo que surge dessa relação vai além de seu resultado prático no trabalho, o ideal que o pressupõe e que dele deriva vai além do trabalho, pois o trabalho é um modelo das práticas superiores do ser social. Este ser social e suas relações não se limitam ao trabalho, existem outros complexos, com categorias próprias, que são por ele influenciados e o influenciam. Alguns complexos inclusive se afastam de tal maneira das barreiras naturais e da esfera do trabalho em si, que sua prática social não mantém relação direta com o trabalho, são as categorias sociais puras como a arte a filosofia, nas quais os limites deste escrito não nos permite debruçar. A verificação prática atua diretamente na modificação do espelhamento ideal, que se altera conforme a necessidade do pôr teleológico em movimento – no trabalho e em outros campos da prática social. As formações ideais do homem se colocam assim como forças sociais, capazes de orientar a ação do homem através da razão, lembre-se a importância da autoconstrução humana para compreender o ser social.

Este espelhamento também possui a característica de existir antes na coisa em si, ele não é somente o momento ideal do complexo do trabalho, mas possui elementos extraídos da matéria. Novamente no exemplo da faca, a intenção teleológica de projetar e construir uma faca só é possível por que a pedra apresenta aspectos materiais que faz com que uma faca exista. É na consciência que o espelhamento ocorre, a consciência têm caráter de possibilidade da realização de novas objetividades. O ser social realiza neste processo a apreensão da natureza e a construção de sua consciência, de si enquanto tal e de suas formações ideais. Avança na história, desenvolve pela experimentação a razão técnica e de consciência, constrói sua potência do gênero e se afasta cada vez mais das barreiras da natureza.

O ser social executa outra importante categoria, a da **alternativa**, responsável pela formação de sua individualidade. O pôr teleológico atua como “decisão entre alternativas” dadas pela natureza, escolhas que se dão dentro de determinações fornecidas pelo campo de possíveis. É a alternativa que faz a passagem entre a possibilidade e a realidade, entre o espelhamento ideal e o pôr em movimento real dos nexos causais. O **momento cognitivo** é o fator preponderante dentro do complexo categorial da alternativa, ele parte da necessidade, não prescinde da objetividade, e no caso do trabalho também precisa realizar-se na verificação prática, visto que nesse complexo o caráter finalístico é determinante. O decisivo é a consciência humana que conhece e articula os nexos causais

para o pôr teleológico, identifica o campo de possíveis da realidade e age pondo em movimento esses nexos.

Desse modo, a alternativa é a forma originária da liberdade no complexo do trabalho enquanto base originária da atividade humana. A liberdade portanto não é antagônica à necessidade, pois esta última, dentro do complexo do trabalho, quando relacionada às categorias da alternativa, do momento cognitivo, da finalidade e do espelhamento, torna-se parte constitutiva da liberdade. O exercício da liberdade está intrínseco ao conhecimento do campo de possíveis ou seja, à ela se relacionam a experimentação, o conhecimento de técnicas, a razão para estabelecer melhor suas finalidades e a capacidade decidir cognitivamente entre alternativas. Por isso diz-se que só o homem dentre todos os animais é livre, só o ser social tem a capacidade de não deter-se na natureza, mas modifica-la e aprimorá-la conforme suas necessidades e desejos.

Afirmamos acima que a alternativa é a categoria responsável pela individualidade humana. Isso se dá por que o ser social se realiza a partir da determinação reflexiva entre teleologia e causalidade (componentes do mesmo processo), o homem opera escolhas entre alternativas, decide sob dados objetivos da materialidade e assim dá respostas às suas necessidades. Por isso o ser social é um ser que responde, esta é sua determinação ontológica fundamental. Sua individualidade ou personalidade é a síntese entre as perguntas (demandas, necessidades, dados objetivos) e as respostas que o indivíduo consegue realizar na sua trajetória, a partir do seu campo de possíveis. Ao passo que expande sua capacidade material também aprimora sua subjetividade, existe uma relação transitiva entre subjetividade e objetividade dada a partir do trabalho, que é a protoforma de toda atividade social e modelo de toda prática social (VAISMAN, 2010). As representações e conteúdos espirituais dos homens são condicionadas pela sua base material, são situadas em determinado desenvolvimento de suas forças produtivas ou seja, esta transitividade entre subjetividade e objetividade é determinante na construção da personalidade social, em outros termos, "a consciência é produto social" (MAIA, 2018, pg. 7).

Dada esta relação transitiva, Lukács apresenta uma categoria relevante e que encaminha para o entendimento do que se trata ideologia, e de como compreendê-la em tempos nos quais a mesma é retomada constantemente nos discursos políticos e populares de maneira demonizada. O **estranhamento**, significa o descompasso entre o indivíduo e o gênero. Numa sociedade estranhada ocorre uma desconformidade entre o desenvolvimento

da potência humana objetiva, das capacidades materiais e produtivas, e a construção e desenvolvimento de uma consciência genérica, dotada de um sentido e conteúdo humano, coletivo, que desenvolva uma sociabilidade voltada à satisfação das necessidades da espécie e aprimoramento de seu conteúdo subjetivo ou seja, uma sociedade livre.

O estranhamento representa a perda das potencialidades do gênero, o homem que não se reconhece como autor das coisas, como força que as desenvolve e modifica. Pensando na categoria alternativa, o homem estranhado – porque sua sociedade é estranhada – não se vê com a possibilidade de exercer a liberdade de escolha com relação aos possíveis dados na objetividade, e assim a formação de sua individualidade é atravessada por essa falta de autonomia e conhecimento de suas próprias potencialidades, sua subjetividade é demarcada pela terceirização dos poderes, à natureza, à religião, e, na sociedade capitalista, ao capital.

Essa sociedade capitalista desenvolve cada vez mais, a cada avanço científico, tecnológico, de controle do clima, da reprodução humana, das intempéries da natureza, o caráter autêntico de tornar em ato os possíveis construídos no espelhamento, no pôr teleológico, em cada espaço e tempo histórico, em objetividades determinadas. A objetividade da sociedade estranhada produz uma subjetividade/consciência estranhada. A dualidade do trabalho (ação objetiva e conteúdo subjetivo) reflete-se nas outras formas do pôr teleológico e dissemina o estranhamento, próprio da sociedade capitalista.

É importante demarcar que a objetividade em Lukács não é apenas os dados causais na natureza. São também forças, tendências situadas na sociabilidade concreta, existindo o que ele chama de sensível supra sensível, que possui valor objetivo mas não material. Isso é relevante quando percebemos o estranhamento em outros campos da vida social além do trabalho, nos quais a subjetividade do homem não se reconhece como autor consciente procurando uma essência ou uma figura transcendente, não consegue se perceber criador e também resultado histórico dado a partir do desenvolvimento do gênero, da autoconstrução humana. Um exemplo disso é a religião, muito trabalhado na Ontologia II enquanto estranhamento e também ideologia.

O estranhamento é de base material, não psicológica, pois se dá no descompasso da realização de domínio do mundo, que ocorre em detrimento a própria realização humana, os indivíduos não se realizam em conformidade com a potência do gênero. Ocorre uma descontinuidade (remetendo-se aqui à categoria da continuidade,

encadeamentos próprios do desenvolvimento e substância do homem em termos ontológicos) entre alienação e objetivação. A alienação em Lukács não é exatamente algo ruim, ela é o momento subjetivo do pôr teleológico, enquanto que a objetivação é o momento objetivo. Quando há o descompasso entre esses momentos, e o homem não desenvolve suas potencialidades subjetivas enquanto desenvolve suas objetivações (forças produtivas), há então o estranhamento, característica e conteúdo da sociedade capitalista.

Na história social do estranhamento têm-se dois extremos do desenvolvimento desigual: o primeiro nas sociedades antigas, com realizações tacanhas cujo fundamento objetivo é formado por um patamar retardatário do desenvolvimento da sociedade, são as “atrasadas” em relação às forças produtivas atuais. O outro extremo é o capitalismo presente, de um progresso objetivo inquestionável que, em razão do estranhamento que lhe é característico, leva à deformação da vida humana, a um modo das individuações que não se desenvolve em conformidade com o gênero.

A personalidade consiste na individualidade formada no resultado da práxis social do homem, e considerando que toda reação individual tem uma base social, entende-se que uma personalidade humana só pode surgir e desenvolver dentro de um campo de ação social e histórico concreto específico ou seja, a personalidade é uma categoria social e não pode ser descolada dessa base, sob risco de não compreensão do estranhamento em sua raiz e conteúdo objetivo e concreto. Ferreira e Silva (2021) fazem uma interessante síntese do caráter socialmente determinado da consciência e da subjetividade humana:

o ser social também vai passando por transformações nesse processo da práxis social, construindo sua subjetividade e desenvolvendo a sua consciência, ou seja, o seu ser-para-si a partir de uma generalidade humana que assume uma forma concreta e historicamente determinada, então, pode-se afirmar que o ser humano é determinado socialmente (FERREIRA e SILVA, 2021, pg. 702).

Essa generidade se realiza objetiva e também subjetivamente, através da interiorização dos elementos universais da realidade concreta. É um mecanismo no qual o ser social se realiza como ser histórico e constrói as suas respostas singulares às questões postas diante dele nas situações concretas. É um processo relacionado à construção do

seu ser-para-si.

A personalidade enquanto categoria social e não psicológica se relaciona diretamente ao pôr teleológico, às escolhas conscientes diante dos elementos e necessidades objetivas. Aqui, o indivíduo não é fruto do seu meio, ele decide sob condições objetivas, possui dramas singulares e, portanto, personalidade social. Os atos subjetivos se realizam mediante situações concretas: para cima no sentido do aprofundamento da consciência genérica, ou para baixo dessa consciência e potência do gênero ou seja, no sentido do estranhamento.

O descompasso da realização de domínio do mundo ocorre em detrimento da própria realização humana, e por isso o problema humano principal é o estranhamento e não meramente a economia. O estranhamento está posto também nos sentimentos humanos e sua superação se dá em meio às relações humanas, “a transformação dos homens só é possível a partir de um movimento prático, por uma revolução; a mudança não se faz no campo das ideias” (MAIA, 2018, pg.9). É uma condição objetiva e não meramente de consciência. A tomada de consciência acerca dele não implica necessariamente em seu rompimento, visto que é uma condição objetiva, porém é imprescindível pois, conforme Andrade e Kell (2018), “o fator subjetivo da história tem papel fundamental” (pg. 126). A revolução é necessária para o estabelecimento da primazia do ser, para a emancipação total das capacidades e sentidos humanos, a emancipação das individualidades.

De acordo Vaisman (2010),

a recuperação da ontologia na perspectiva lukacsiana é a afirmação de que o real existe, o real tem uma natureza e esta existência e esta natureza são capturáveis intelectualmente. E, na medida em que é capturável, pode ser modificada pela ação cientificamente instruída, ideológica e conscientemente conduzida pelo homem. Postular, desse modo, a ontologia é resgatar a possibilidade de entendimento e transformação da realidade humana (VAISMAN, pg. 45).

Pensar o homem, a natureza e a história ontologicamente significa dotar a realidade de possibilidades. A ideologia constitui ferramenta para a ação do homem no sentido de modificação do real, possibilidade existente no pensamento ontológico de afirmar e capturar intelectualmente a existência deste real. O sentido ontológico dado ao ser social o insere na dinâmica do real enquanto agente consciente, a partir do pôr teleológico presente em toda e qualquer atividade humana, e é neste sentido, ontológico, que Vaisman (2010)

resgata Lukács e seu esforço de pensar o homem ser social e a ideologia como ferramenta de resposta do homem.

A autora parte da distinção entre posições teleológicas primárias e secundárias. As primeiras são as relativas ao campo econômico ou material – trabalho. No exercício da práxis social o homem lança mão de outros tipos de pôr teleológico, como por exemplo a arte e a filosofia como provocações e reflexões acerca desde homem no mundo, e a religião como atribuição de sua essência e poder genéricos ao transcendente, esta como forma de estranhamento. Estes outros tipos se afastam do campo do trabalho propriamente dito, e por isso são chamadas **posições secundárias**. O processo de trabalho então demanda posturas e subjetividades para sua realização, e essas posições se complexificam ao passo da divisão do trabalho, que delas depende a sua reprodução.

Essas posições atuam e movimentam subjetividades, intentam uma nova posição teleológica, visam provocar, mudar, eliminar ou influenciar o comportamento e as ideias do homem, agem no momento do espelhamento do pôr teleológico. O objeto do pôr teleológico nesses casos é o próprio homem e sua subjetividade, e através dessas posições os homens respondem praticamente às problemáticas imediatas ou genéricas da vida.

As posições teleológicas secundárias são o espaço por excelência no qual a ideologia opera, e a ideologia representa o momento ideal anterior às posições teleológicas secundárias, imprescindíveis à execução do pôr teleológico primário ou do trabalho. Por isso dizemos anteriormente que as formações ideais são forças sociais, das quais deriva a ideologia que move as coisas porque movimenta as malhas causais.

A ideologia é um elemento presente permanentemente no cotidiano dos homens pois é, como vimos, o momento ideal de sua ação prática. Ela é o elemento responsável por conscientizar e operacionalizar a prática social, pois é o conteúdo do espelhamento, a forma consciência que medeia a prática, é portanto sua orientação ideal. Não se limita a ser somente instrumento da luta de classes, antes, a ideologia existe de forma ampla, na função imediata das necessidades de subsistência, de regulação do comportamento e generalização do ser humano; e na forma restrita, como instrumento de conscientização e de luta social, como meio de conscientizar os conflitos sociais. Em qualquer aspecto, a ideologia é ineliminável e indissociável do ser social, e precisa ser compreendida em sua função enquanto fenômeno, e não como falsa consciência, e é este o principal ponto da análise lukactiana sobre a questão.

Diferente da forma como se entende no senso comum, a ideologia não é um “conjunto de ideias”, ela se relaciona intimamente à categoria alternativa na resolução de questões dadas no desenvolvimento e prática do ser social. Andrade e Kell (2018) distinguem a concepção de complexo de ideias de ideologia, demarcando esta última pelo seu caráter ontológico-prático.

Um complexo de ideias, só ganhará caráter ideológico se este ao longo do seu momento ideal, mais precisamente em seu momento predominante, ou seja, a partir do momento que desempenha uma função social, a partir do ponto que cria ferramentas sensíveis e inteligíveis na resolução de problemas cotidianos e conflitos sociais podendo vir a se constituir como ideologia (pg. 113, 114).

A alternativa é o fundamento da individualidade livre do ser social, é por meio dela que este espelha sua ação teleológica de resposta às suas necessidades objetivas e também às questões que se põe na formação de sua subjetividade, na transitividade sujeito objeto na qual consiste a personalidade humana. No par categorial liberdade – determinação, a alternativa é a categoria que faz o trânsito entre a possibilidade e a realidade, a escolha determinada pelo campo de possíveis que orienta o homem genérico em direção ao afastamento das limitações naturais. Nessa dinâmica a ideologia consiste no pensamento, na forma ideal que desempenha uma função social, ela é a resposta prática à questões práticas dadas no decorrer da trajetória humana, seja na imediatez do cotidiano seja na amplitude das questões do gênero.

Acerca da relação entre ideologia e economia, os autores indicam que existe uma ligação que as torna indissociáveis, pertencem a diferentes esferas do ser social porém guardam íntima relação de reciprocidade. Como demonstrado, em cada etapa do desenvolvimento das capacidades objetivas expande-se também a subjetividade dos homens na relação com a natureza e com outros homens, desse modo, “cada nova formatação da sociabilidade dos homens como, por exemplo, a transformação das forças produtivas e relações de produção criam necessariamente uma determinada ideologia, esta é a função da ideologia” (ANDRADE e KELL, 2018, pg. 116). Os autores também trazem que essa ideologia não está solta no ar, mas vincula-se diretamente à determinado grupo social que a detém enquanto expressão de seu conteúdo ideal e interesses objetivos, como força espiritual utilizada ora para conservar ora para transformar a sociedade (ANDRADE e

KELL, 2018, pg. 119).

No esforço de iniciar o debate acerca da ideologia e sua relação com a consciência e a luta de classes, Maia (2018) recupera o conceito de ideologia em Marx e Engels. Em *A Ideologia Alemã*, o mesmo remete à necessidade de produção e reprodução da vida, com funções/mecanismos de ocultamento, de dominação de classe e de justificativa para a divisão entre os interesses particular e geral, ou seja, pensada enquanto resposta e instrumento para os conflitos sociais dos homens. O resgate dessa tratativa sobre a ideologia fundamenta a perspectiva ontológica de situar o ser social autor da história e potência capaz de transformá-la. Demonstra também o fundamento ontológico no trabalho, modelo da atividade humana cuja recuperação é essencial para o resgate da ação humana histórica e da superação da "pré-história da humanidade".

A autora vai dizer com base nos clássicos que através da divisão do trabalho ocorre também uma cisão na esfera da consciência, e que as ideias dominantes se colocam progressivamente enquanto universais, a despeito do antagonismo de classe, fazendo prevalecer a dominação material e também a dominação espiritual de cuja manutenção depende a construção deste "interesse geral" no campo da consciência. Indica também que ideologia é diferente de pensamento ou consciência pura e simplesmente, ela se especifica em relação à estes porque tem uma função prática, é uma resposta à uma necessidade de reprodução da vida, atuando na resolução dos conflitos sociais.

Segundo Marx e Engels, a consciência social desenvolvida no capitalismo "opera com a função de manter e reproduzir uma dominação de classe, produzindo uma 'alteração fundamental no momento ideal'" (MAIA, 2018, pg. 13), ou seja, trata-se da ideologia cumprindo sua função social e constituindo, moldando, movimentando as forças sociais, como conteúdo do espelhamento no exercício teleológico secundário, nos variados campos da prática social ou seja, a ideologia influenciando a vida no sentido da dominação de classe. A ideologia atua na luta de classes, constituindo-se em um "fenômeno que incide nas tomadas de decisões das classes" (MAIA, 2018, pg. 16) no sentido de dominação da sociedade em função dos interesses de determinada classe, através da reificação da sociedade mercantil posta como universal.

As relações no capitalismo, construídas em meio às posições teleológicas secundárias, são reificadas ou seja, ocultas e reprodutoras da relação mercantil em todas as formas de objetividade e de subjetividades delas desenvolvidas. A categoria que medeia a

consciência já desvelada pela análise histórica é a totalidade. Na relação com a totalidade o homem constrói a consciência de sua existência concreta, e a ação histórica fundamentada nessa relação é realizada através da consciência de classe, que ultrapassa a consciência reificada do capital. Conforme destacado pela autora, “é na luta ideológica das classes, no embate entre as ideologias, que o desmascaramento de uma pela outra ganha um papel decisivo. E é neste campo que a ideologia pode tornar-se um poder” (MAIA, 2018, pg. 17).

### **3. CONCLUSÃO**

Feitas as reflexões, entende-se que o prisma lukáctiano para o entendimento da ideologia está na ontologia, na noção do homem como ser social, potência e consciência prática que se realiza objetiva e subjetivamente. A ideologia é compreendida sob o prisma ontológico como ideação do ser que responde, e o fenômeno ideológico sob o fundamento ontológico-prático e não científico-gnosiológico, como inicialmente o termo fora abordado e antes mesmo de sua abordagem já era considerado pela filosofia e pela ciência, como citado no início do texto. O homem ser social se vê cotidianamente diante de problemáticas variadas, restritas ao trabalho ou secundárias em outras dimensões da vida, e lança mão de seu conteúdo ideal – ideologia – para responder essas problemáticas, ele é por excelência, um ser que responde.

O estudo do ser social na perspectiva ontológica permite seu entendimento enquanto complexo, requer a dimensão de totalidade para situá-lo e compreender como se dá a construção de sua individualidade e generização subjetiva nos diferentes campos da vida prática. Por este caminho é possível traçar entendimentos acerca de como a ideologia se realiza no indivíduo e orienta sua ação e as respostas que este dá nas situações concretas, e também como consiste no conteúdo espiritual da luta de classes. É a ideologia que, na sua função ontológico-prática irá desencadear as posições teleológicas que objetivam a consciência dos homens e sua postura e ação diante dos conflitos de classe. Nesse sentido, faz-se necessário o aprofundamento de estudos neste campo no intuito de construir conhecimento que possibilite à classe trabalhadora o incremento intelectual acerca das determinações reais da sociedade e de si mesma, visando a qualificação e crescimento de sua ação na luta. Realizar este debate é tarefa necessária ao enfrentamento da mediocridade do gênero humano e da barbarização da sociedade, aspectos indissociáveis

do avanço da sociabilidade estranhada do capital.

## REFERÊNCIAS

LUKÁCS, György. **PARA UMA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

VAISMAN, Ester. **A IDEOLOGIA E SUA DETERMINAÇÃO ONTOLÓGICA**. In: In: Verinotio: Revista On Line de Educação e Ciências Humanas, nº 12. Belo Horizonte: 2010. (disponível em [www.verinotio.org](http://www.verinotio.org)).

FERREIRA, Deyvid Braga e SILVA, Samuel Barbosa. **TRABALHO E IDEOLOGIA À LUZ DOS PENSAMENTOS DE KARL MARX E GYORGY LUKÁCS**. RTPS – Rev. Trabalho, Política e Sociedade, Vol. 6, nº 11, p. 693-710, jul.-dez./2021. Acesso em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/RTPS/article/view/910>.

MAIA, Susana Maria. **IDEOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO FRENTE AOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE**. Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Espírito Santo, 2018. Acesso em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22251>.

ANDRADE, Rafael de Almeida e KELL, Renan Araújo. **IDEOLOGIA E CLASSES SOCIAIS NA ONTOLOGIA DE GYÖRGY LUKÁCS**. Revista Idealogando, v. 2, n. 2, p. 110-129, 2018. Acesso em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/view/235055>.